

Movimento Passe Livre: Imagens de Violência da hashtag #passelivre em 2013¹

Veronica A. Ribeiro HAACKE²
Fabio Gomes GOVEIA³
Universidade Federal do Espírito Santo, ES

Resumo

Mudanças comunicacionais foram potencializadas desde o surgimento da web e seus avanços. Os sites de redes sociais ampliaram ainda mais essas transformações e se tornaram uma importante fonte alternativa para discursos além dos produzidos pela grande mídia. Um momento que merece destaque foram as manifestações de junho de 2013, em que os sites de redes sociais foram usados tanto para organização e divulgação do movimento como também para informar aos demais usuários sobre o que ocorreu em seus atos. Além de textos e notícias, houve um intenso compartilhamento de imagens que representavam o que estava ocorrendo nas ruas. Assim, o artigo se propõe a analisar as imagens presentes #passelivre, contudo com o foco nas imagens que representam os atos de violência desse movimento, sejam elas de repressão policial ou como repertório de confronto utilizado pelos manifestantes.

Palavras-chave: manifestações; junho 2013; sites de redes sociais; imagens; violência.

Introdução

Desde o surgimento da Web 1.0 mudanças no espaço comunicacional começaram a ser mais frequentes. Com a web a comunicação, que antes era um-todos (centralidade do meio de transmissão de informação, como exemplo jornal), passa a também ser lugar de todos-todos (qualquer um que possua as ferramentas básicas para a publicação de informação pode compartilhá-la para os demais usuários da internet). Isso ocorre devido sua ideia de homepage, em que qualquer um que domine a linguagem HTML pode criar seu canal de comunicação que possa abranger a um maior público. É durante a Web 1.0 que ocorre o surgimento de muitos veículos independentes que serviram de base para o jornalismo online posteriormente.

E isso, num contexto em que a comunicação só era possível usando o dispositivo de massa um-muitos (Levy, 2003), provocou transformações

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo na Ufes, email: veronica.rhaacke@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Ufes, email: fabioqv@gmail.com

importantes na sociabilidade contemporânea. No campo das publicações editoriais, foi a partir da web que um conjunto importante de veículos independentes passou a ter um público mais abrangente e global. (MALINI; ANTOUN, 2013)

Com o surgimento da Web 2.0 há mudança de “homepage” para “timeline”. A internet se torna mais colaborativa e com a reunião de várias publicações dos usuários que estão interconectados em apenas uma página. O usuário passa a ser um perfil, que é criado e constituído de forma online. Criam-se os sites de redes sociais que vão estabelecer novas relações na rede online, mas também vão fortalecer os vínculos que já existem no modo offline – redes sociais. Assim, a conversação passa a ser mediada pelo computador (RECUERO, 2009). A conversação online, muitas vezes, é uma extensão daquilo que já é dito e compartilhado no modo offline com sua rede social. Além disso, as trocas, conversações e interações dos perfis passam a ser visíveis. Há a exposição pública de cada ator/perfil e suas relações presentes nos sites de redes sociais.

O avanço das tecnologias e dos aparatos de dispositivos móveis, que permitem ao usuário se conectar à internet em diversos lugares e possibilita o uso de aplicativos de redes sociais online, fez com que mais perfis e usuários se tornassem adeptos do uso dos sites de redes sociais, principalmente para estabelecer a comunicação rápida com seus amigos e demais usuários da rede. Essas passam a ser uma alternativa de fonte de informação e divulgação de notícias.

Além dos dispositivos que possibilitam a produção e compartilhamento de textos, há um grande aprimoramento de dispositivos que permitem o registro e compartilhamento de imagens, sejam elas fotografias ou vídeos. Os sites de redes sociais tem se tornado cada vez mais visuais, ainda mais com a criação de aplicativos e sites de redes sociais que são primariamente para o compartilhamento de imagens, como é o caso do Instagram e do Flickr. É válido ressaltar que em um ambiente globalizado como a internet a imagem se torna ainda mais importante. Afinal ela não precisa de um idioma para ser “lida”, pode ser interpretada independentemente da sua nacionalidade, não limitando assim, territórios geográficos e linguísticos para seu entendimento.

Ademais, as imagens são um importante suporte que a memória se sustenta. Ela pode ser uma “concretização” da memória. E essa construção da ideia de imagem como algo “palpável” para a memória é um processo de longa data. Com os avanços tecnológicos, tanto com o surgimento da internet e dos sites de redes sociais, essa memória através da

fotografia continuou existindo, contudo, o álbum de família tornou-se público. A ideia de compartilhar com todos os amigos e os seguidores presentes em sua rede se estabeleceu, como é o caso do uso do Instagram e de tantas outras que permitem o compartilhamento de imagens. Cada vez mais usuários começaram a usar essas ferramentas como maneira de se contar uma história através de suas imagens, através do que vê no seu dia a dia e de seus acontecimentos. A velha história do álbum de família, só que agora com uma abrangência muito maior. A memória do que foi feito, de quem se é e de como se é agora é feito através das imagens publicadas nas redes. É uma espécie de criar suas memórias através dos sites de redes sociais.

Dessa maneira, os sites de redes sociais ganharam importante destaque, tanto como fontes para a construção da memória de um evento, acontecimento ou pessoa, tanto como importantes fontes de informação alternativas às grandes mídias comunicacionais, como portais de notícias, jornais, rádio e televisão.

Um dos momentos em que houve destaque dos sites de redes sociais como importantes fontes de notícias foram os movimentos sociais do século XXI. Esses movimentos usaram da tecnologia de informação e comunicação para sua articulação, mobilização e ação. Alguns desses movimentos foram os que ocorreram em junho de 2013, como o caso do Movimento Passe Livre – MPL. A organização e articulação do movimento se apoiou nos sites de redes sociais, principalmente o Facebook e o Twitter. Através dessas plataformas, tanto os organizadores do evento como seus participantes, criaram eventos com as datas das manifestações, assim como seu planejamento e divulgação das estratégias que seriam utilizadas durante os atos. O uso dos sites de redes sociais também ocorreu durante e posterior aos atos, com informações do que estava acontecendo, como uma espécie de “ao vivo” para quem estava em casa, assim como mostrar visões alternativas daquelas que eram publicadas e transmitidas pela grande mídia. Também foram publicadas imagens e vídeos das ruas em movimento.

Assim, surge a ideia desse artigo: analisar as imagens publicadas no site Twitter sobre o movimento passe livre que apresentavam a #passelivre. Foram coletadas um total 6637 imagens que apresentavam essas características. Contudo, a análise se foca nas imagens que retratam a violência do movimento, seja ela por parte da repressão policial – marca dos movimentos de junho – como também a violência dos participantes como forma

de repertório para sua manifestação - que ficou conhecida como as ações do movimento Black Bloc.

Histórico Movimento Passe Livre

O Movimento Passe Livre nasceu oficialmente no ano de 2005 em uma plenária do 5º Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Mas vem atuando desde 2003 quando teve sua gênese em movimentos em Salvador e Florianópolis, Revolta do Buzu e Revolta da Catraca respectivamente.

No início, o movimento lutou pelo passe livre estudantil, mas logo percebeu que era uma pauta limitada, e o melhor a fazer era abri-la para a tarifa zero. Uma política pública de transporte coletivo, em que o transporte não seja tratado como uma mercadoria, mas sim parte do direito de ir e vir do cidadão.

Entre suas características, o MPL se classifica como um movimento social autônomo, horizontal e independente. Sem filiação a partidos ou instituições. O movimento é predominantemente de jovens, e discute e luta por outro projeto de transporte para a cidade. Um projeto em que prevaleça a mobilidade urbana, com um transporte público de verdade, ou seja, gratuito e de qualidade. Invés de lutar por pautas genéricas vai direto ao foco de um dos sintomas da sociedade e do sistema o transporte público e a mobilidade urbana.

Porém é em 2013 que o Movimento Passe Livre ganha destaque nacional através de sua luta contra o aumento da passagem em São Paulo. Em junho do mesmo ano, no dia 6, foi realizado o primeiro ato contra o aumento de R\$ 0,20 no preço do transporte público de R\$ 3,00. Um dos repertórios usados pelos manifestantes foi a depredação de patrimônios, estações de metrô fechadas e pichações pela cidade, além de lixeiras que foram incendiadas. Frente a essa performance nas ruas, a polícia agiu de forma repressiva, com bombas de gás lacrimogênio, balas de borracha além de detenções de manifestantes.

Frente a essa ação policial, e principalmente a maneira como a mídia noticiou o movimento – sendo ele de vândalos e estudantes que estavam gerando o caos na cidade, o movimento ganhou força nos sites de redes sociais, onde se compartilhavam imagens e notícias do que estava acontecendo nas ruas segundo a visão de quem estava participando

dos atos. Tanto Twitter quanto Facebook se tornaram uma fonte alternativa e comunicacional para que fosse desmistificado o que estava sendo dito pela grande mídia. Assim, os sites de redes sociais, além de serem importante para a manutenção e organização dos atos, também passou a ser fonte de informação para quem não queria o discurso parcial dos grandes meios de comunicação.

É no 4º ato, no dia 13 de junho que ocorre a mudança da opinião pública frente ao movimento. É nesse dia, mais uma vez em um ato noturno, assim como os demais realizados, que a polícia agiu de forma ainda mais repressora e truculenta para conter os manifestantes. Muitos foram feridos e presos por estar nas ruas manifestando. Uma jornalista da Folha de São Paulo foi atingida no olho por uma bala de borracha. Foi nesse momento que o movimento ganhou pauta nacional e internacional e foi noticiado de forma mais imparcial pela mídia. A mídia mudou o seu posicionamento para noticiar o que estava acontecendo nas ruas. Os vândalos passaram a ser tratados como manifestantes e a polícia foi sinalizada como despreparada para agir em movimentos como o Passe Livre.

Com a repercussão nas redes o movimento foi ganhando mais adeptos e mobilizou mais pessoas que não concordavam com as medidas que estavam sendo tomadas para a repressão dos atos. Assim o movimento ganhou proporção nacional, tendo atos em demais estados. As pautas também foram ampliadas, não estava em voga apenas o aumento do transporte público, mas também o posicionamento contrário às ações da polícia, o fim da corrupção, melhorias na educação e na saúde, além de reivindicações contra os gastos da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Nesse momento o movimento #vemprarua começa a ganhar forma e se fortalecer.

Contudo, com tantas pautas e muitas pessoas nas ruas, não deixando as suas individualidades de lado e com os confrontos políticos instalados, o movimento vai perdendo sua força e se divergindo dentro dele mesmo. É nesse período que o Movimento Passe Livre se retira das manifestações, já que elas não falavam apenas das questões de transporte público e mobilidade urbana.

Vale ressaltar que a ideia de violência que é discutida nesse movimento e para a análise realizada nesse artigo vai tanto pela parte da repressão policial como forma de conter os movimentos e instaurar novamente o controle e ordem, como também é vista

como repertório e performance pública dos manifestantes como tática para dar forma ao movimento.

“A novidade em 2013 é que a violência entra em cena nas manifestações de ruas como tática de uma ala do movimento (Black Blocs) no conjunto mais geral que a compõem. Embora não se denominem movimento, mas tática, sua visibilidade performática domina a cena quando acontece.” (GOHN, 2014)

Metodologia

Em um primeiro momento foi realizada a busca entre o período de 15 de junho a 15 de julho de postagens que foram feitas no site de rede social Twitter com o uso de hashtags. Para a escolha da hashtag, foi levado em consideração a importância da “#passelivre” para as manifestações ocorridas em junho de 2013.

Através do software yourTwapperKeeper, foram extraídas as redes de tweets pertencentes a cada hashtag, as quais, após serem extraídas passam a compor um dataset (conjunto de dados). O dataset criado é um arquivo de terminação .csv que contém todos os tweets publicados no período de extração e as informações disponíveis sobre eles, como a data de publicação, número de republicações, entre outras, que podem ser usadas para análise subsequentes.

O passo seguinte foi utilizar uma linha de script em java que separou apenas os tweets com links, abriu cada link, salvou a página da internet em uma tabela excel e fez o download das imagens presentes, guiando-se através da extensão dos arquivos. Para que não houvesse uma grande ocorrência de imagens desnecessárias, como peças de publicidade ou elementos gráficos do design do site, foram estabelecidos padrões para as imagens que seriam consideradas válidas: as imagens deveriam ter um tamanho mínimo de 200x200 pixels e um tamanho em disco de, pelo menos, 15 kb. Também só seriam aceitas imagens nos formatos .bmp; .jpg; .jpeg; .tiff e .tif para a coleta.

Assim, foi criado um banco de dados com as imagens publicadas no Twitter com a hashtag #passelivre. Chegou-se a um total de 6.637 imagens com convocatórias para os atos, imagens de momentos do movimento nas ruas, pessoas com cartazes, multidão ocupando os espaços públicos, assim como momentos de violência, com a repressão dos policiais, confronto entre manifestantes, pessoas feridas e imagens que mostram a performance dos manifestantes em quebrar e intervir patrimônios.

Com a ideia de visualizar apenas as imagens que continham características de violência para então a realização da análise, tentou-se agrupar de maneira automática as imagens. Para isso, foi utilizado um script desenvolvido no Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC), através do software MatLab. A ideia do script é usar um algoritmo que reúne as imagens a partir de suas semelhanças. Foram realizadas algumas tentativas para identificar qual processo seria o melhor para o estudo desse caso das imagens dos protestos. O primeiro foi através da seleção de um número como referência para a distância das imagens, e assim, chegar ao grau de semelhança e agrupar as imagens. Contudo, esse processo se mostrou complexo e ineficaz, já que seria preciso muitos testes para se chegar a um número de referência que fosse eficiente. Então, uma alternativa foi o outro modo de agrupamento que o script permite – selecionar a quantidade de grupos em que as imagens fossem separadas. Assim, as imagens mais semelhantes, quiçá iguais, ficariam juntas em um mesmo grupo, enquanto as mais diferentes ficariam separadas em outros grupos. Foi selecionada a quantidade de 300 grupos em que as imagens seriam separadas.

Porém, o resultado continuou sendo insatisfatório. Muitas imagens semelhantes foram agrupadas, mas algumas imagens foram colocadas em outros grupos. Assim, o erro foi muito grande, principalmente porque a separação desejada das imagens possuía uma ideia muito subjetiva de violência – através de interpretações e significados - e não somente de padrões delimitados como tamanho de imagem, ou qualidade em pixels. A separação das imagens através de seu significado é ainda algo muito complexo para ser trabalhado através de scripts ou softwares. Sendo assim, foi necessário a separação das imagens manualmente. Contudo, essa separação foi facilitada através do primeiro processo semi-automatizado. Já havia vários grupos que continham as imagens, sendo necessário olhar todas para assim separá-las conforme seu significado de violência. Isso é, imagens que tinham uma coloração laranja, representando o fogo presente nas manifestações, assim como as imagens que continham o enfrentamento entre policiais e manifestantes, pessoas feridas, sinais de vidros quebrados e as intervenções em patrimônios – públicos e privados – como parte do repertório de violência dos manifestantes. Por não possuírem um padrão delimitado, a separação por um humano foi parte essencial do processo.

Assim, em um total de 6.637 imagens chegou-se a uma quantia de 936 imagens relacionadas a atos de violência. Com essa quantidade e essa separação, foi possível gerar visualizações que mostravam apenas esse nicho de imagens. Isso foi possível através do uso do software *ImageCloud*⁴.

Para essa análise em específico, foram utilizados dois modos de visualização a partir do *ImageCloud*: através da cor da imagem e através do seu número de compartilhamentos. A primeira, por cor, reúne as imagens que possuem características em comum, segundo o parâmetro a ser analisado, que pode ser matiz, brilho ou saturação. Já a visualização através da quantidade de retweets de cada imagem, é realizada pelo número de compartilhamento que cada imagem possui no dataset. Assim, o tamanho de cada imagem e sua sequência na visualização usa desse dado. As primeiras imagens são consequentemente maiores e com maior número de compartilhamento. Conforme ela se posiciona à direita e abaixo, menos vezes foi compartilhada na rede.

Análises

A primeira análise das imagens de violência referentes à #passelivre é a visualização a partir da cor das imagens. As 936 imagens apresentadas estão organizadas através do seu matiz de cor. Sendo assim, as imagens que apresentam valores semelhantes de matiz se encontram próximas, e quanto mais distantes, mais diferente seus valores.

⁴ Para realizar a visualização das imagens foi utilizado o ImageCloud, uma aplicação criada por pesquisadores do Labic com a ideia de visualizar uma grande quantidade de imagens de forma mais clara e efetiva. A proposta é simples: plotar – dispor – as imagens baseando-se em um único parâmetro, que pode ser tanto a quantidade de publicações, como por cor, colocando como referência saturação, brilho ou matiz da imagem. Dessa forma, o aplicativo evita que as imagens fiquem sobrepostas e facilita a visualização de todo o grupo de imagens, gerando uma visualização linear e mais simplificada de compreender.

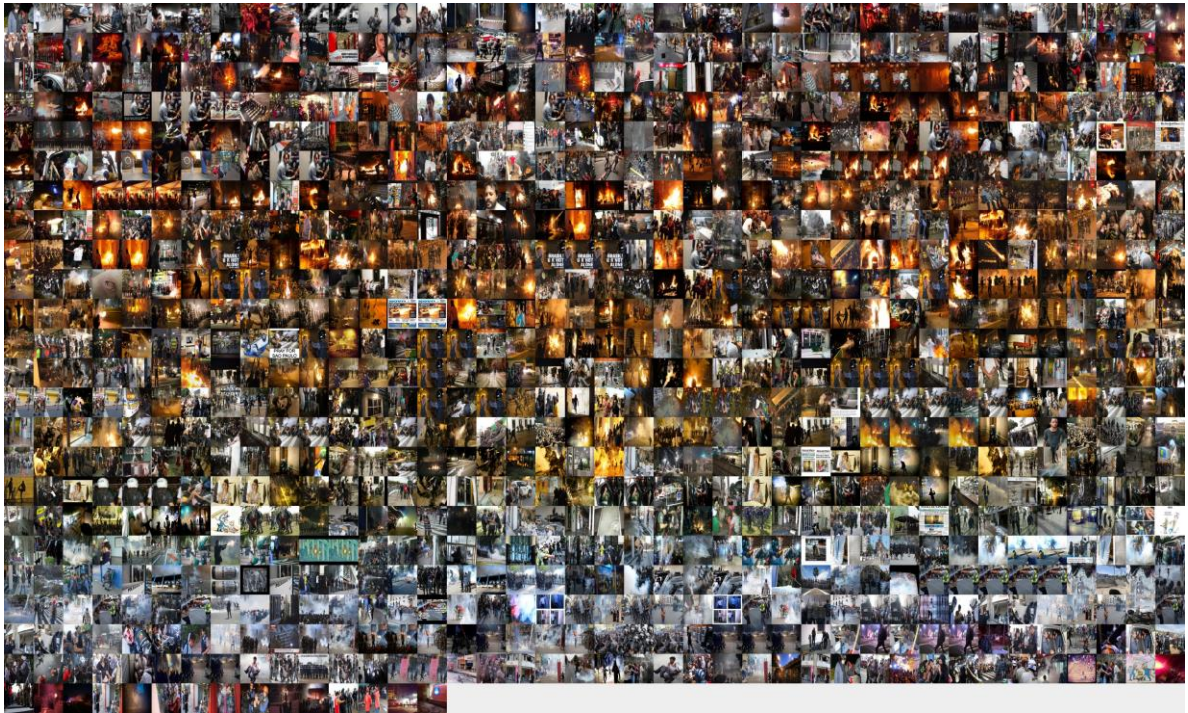


Figura 1 Visualização das imagens de violência a partir do matiz da cor

Por essa visualização é possível perceber que as imagens se separam em três grandes grupos. O primeiro com imagens que apresentam imagens com tonalidade mais próxima ao vermelho, o segundo com imagens em que o laranja e o amarelo ganham destaque e um terceiro grupo em que as imagens se aproximam dos tons de azul.

Os dois primeiros grupos tem como importante característica, além da presença de tons avermelhados e alaranjados, serem imagens escuras, com grande presença de preto. Isso é pelo fato de serem imagens de momentos dos protestos. Os atos ocorridos em junho de 2013 foram principalmente atos noturnos, ou seja, as imagens das ruas tomadas, das pessoas nas manifestações são características por serem imagens escuras, feitas à noite.

Nessas imagens noturnas, quando se fala em violência, fica evidente marcas muito fortes de tons alaranjados e amarelados como realce da noite. Esses pontos alaranjados representam principalmente o fogo e os estilhaços das armas de fogo utilizadas pelos policiais. Dessa maneira, a violência presente nas imagens mostra tanto o lado da repressão e ataque dos policiais aos manifestantes – com armas de fogo, bombas de efeito moral e gases lacrimogênicos – como também uma resposta dos manifestantes, com barreiras de fogo e focos de incêndio como um repertório e uma performance para seu ato. Quando não há presença de fogo, o tom alaranjado representa a iluminação das ruas, que em um ambiente

escuro, obtendo essa coloração. Assim, essas imagens apresentam pessoas feridas e o confronto entre polícia e manifestantes e também os atos de violência promovidos pelos manifestantes, como destruição de patrimônios e ações dos Black Blocs.

Já o terceiro bloco de imagens é representado pela tonalidade de azul. Essas já são imagens diurnas, em sua maioria, posteriores aos dias dos atos. Elas mostram os reflexos e efeitos das manifestações nas ruas. Muitas mostram vidros e vitrines quebradas, bancos destruídos que representaram as ações dos manifestantes nas ruas.

Vale ressaltar que a maioria das imagens, seja ela noturna, com tons alaranjados ou diurna, apresenta uma característica muito representativa, que é a fumaça. Isso é em decorrência das bombas atiradas pela polícia e até o gás de efeito lacrimogênio que foi muito usado como repressão policial para conter os manifestantes nas ruas.

A segunda análise a ser realizada é com base na visualização das imagens com presença de violência ordenadas através do número de compartilhamentos. Assim, as imagens que aparecem no topo esquerdo e maiores são as que obtiveram maiores valores de retweets, enquanto quanto mais à direita e abaixo ela se encontra, e conseqüentemente com tamanho menor, mais baixo foi o seu número de compartilhamentos.

Pode-se perceber que as 10 imagens mais compartilhadas foram imagens que demonstram principalmente a ação violenta da polícia como ponto central de seu discurso. Ao total, seis imagens mostram a polícia em ataque, com armas, bombas de gás e contendo os manifestantes. Já três das imagens mais compartilhadas são de manifestantes que se rebelaram e usaram a quebra de patrimônios como seu repertório de confronto e sua performance pública. Como dito anteriormente, a violência dos manifestantes foi usada como tática dos grupos denominados Black Blocs que tinham a ideia de romper com a ideologia de vandalismo e queriam centrar sua performance contra o capital.



Figura 2 Visualização das imagens de violência a partir do número de compartilhamentos

Merece destaque a quarta imagem mais compartilhada. Ela foi muito característica para demonstrar a repressão policial frente ao movimento e foi um dos pilares para que os atos ganhassem mais apoio dos cidadãos nacionalmente e para que a grande mídia mudasse o seu posicionamento frente aos movimentos. Ela representa o 4º ato, no dia 13 de junho. Na foto está a repórter da Folha de São Paulo, Giuliana Vallone, que estava cobrindo as manifestações. Enquanto estava trabalhando foi atingida no olho por uma bala de borracha. No dia seguinte, essa imagem foi muito repercutida, tanto nacional como internacionalmente, e representou como estava sendo a ação policial e o seu despreparo para lidar com os manifestantes. Foi a partir desse fato que a mídia começou a noticiar sobre os movimentos não apenas como atos de vândalos, mas também mostrar a repressão policial, que até então não era discutida nos grandes meios de comunicação.

É interessante perceber que a quantidade de compartilhamento das imagens foi menor do que o esperado. Isso porque acreditou-se que as imagens de violência teriam um grande número de compartilhamentos, por serem tão representativas do movimento e por terem dado a impressão de que foram muito repercutidas na rede. Contudo não foram tão compartilhadas no Twitter, rede analisada. A imagem mais compartilhada obteve 56 compartilhamentos, enquanto a décima mais compartilhada chegou ao número de 22 retweets. Esse é um dos motivos para um grande volume de imagens se apresentarem no inferior da visualização com tamanhos tão pequenos e sendo difícil analisá-las, pois a sua maioria apresenta apenas um compartilhamento, apresentando um peso bem diferente em relação as 10 imagens mais compartilhadas.

Considerações finais

A intensificação do uso de sites de redes sociais fez com que se ampliassem as transformações comunicacionais que ocorrem desde o surgimento da internet. As redes sociais na internet possibilitam um novo compartilhamento de informações, muitas vezes alternativo e com outros focos das informações produzidas pela grande mídia.

Isso é observado através do uso desses sites como importantes ferramentas nos movimentos sociais realizados em junho de 2013 no Brasil. Além de sua importância para organização dos atos e mobilização de cidadãos, eles foram muito importantes para o compartilhamento de textos, imagens e vídeos sobre as manifestações, em uma outra visão

da abordada pelos grandes meios comunicacionais, em que se assegurava que o movimento era de vândalos e enaltecia a polícia como protetora da ordem.

As redes sociais online possibilitaram que um maior volume de pessoas fosse produtor e receptor de conteúdos produzidos durante os próprios atos, uma espécie de ao vivo para quem não estava nas ruas pudesse acompanhar. Um grande conteúdo de informações foi produzido e compartilhado, e é através dele que se pode analisar importantes questões, tanto do movimento quanto do conteúdo produzido pelas pessoas.

O foco desse artigo centrou-se na análise das imagens compartilhadas através da #passelivre, buscando perceber quais imagens e como elas representavam a violência presente no movimento, seja ela pela parte da polícia ou por parte dos manifestantes nas ruas.

É interessante observar que mesmo as imagens de violência sendo tão fortes e com um grande potencial para representar o movimento, no site Twitter elas representaram apenas 14,11% do volume total de imagens. Além disso, foram imagens que não obtiveram um grande valor de compartilhamento, sendo que a imagem mais compartilhada teve 56 retweets.

Uma análise interessante é observar como as cores das imagens exprimem muito bem o seu conteúdo e o quanto pode ser percebido sobre o movimento através da visualização das imagens separando-as por cor. Um grande número de imagens são muito escuras, por ser um movimento caracteristicamente noturno, e com acentuação da cor alaranjada, representando o fogo, tanto das armas usadas pelos policiais, como parte da performance utilizada pelos manifestantes.

Assim, se faz importante a compreensão e a análise das imagens de um movimento como forma para compreendê-lo e também para entender como elas conseguem conduzir uma narrativa de um acontecimento e produzir a memória de um evento.

Referências

MALINI, F.; ANTOUN, H. A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RECUERO, R. Diga com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. Revista Famecos, Porto Alegre, n 38, p 118 – 128, 2009

GOHN, M. Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.